

Relato 3

Vida e morte na pandemia: não sairemos da mesma forma que entramos

Thalles Azevedo Ladeira

Era março, dia 13 (sexta-feira). Nesse dia, o despertador não tocou mais cedo. A escola na qual trabalho havia suspendido as aulas por duas semanas como uma medida de cautela e prevenção contra o novo coronavírus que havia chegado às regiões Norte e Noroeste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, onde trabalho e moro, respectivamente.

A princípio, muitos consideraram tal medida, de suspensão das aulas, um grande exagero, pois não havia nenhum caso confirmado na cidade até então e menções de protestos começaram a ser ouvidas por trabalhadores com vínculos fragilizados de contrato, que estavam subsumidos em uma relação na qual: não trabalham, logo não recebem.

Já uma parcela da categoria de professores concursados (da qual faço parte) enxergou nessas duas semanas de suspensão das aulas como umas miniférias, uma oportunidade de curtir a família, de organizar a casa, de fruir: acessando a lista de

filmes e séries que nunca dá tempo de visitar. O que ninguém podia imaginar é que essas duas semanas de recesso iriam durar o resto do ano inteiro e aquela que vinha sendo chamada de “gripezinha” por muitos, até mesmo pelo presidente da república, minimizando os danos e a letalidade do vírus, tempos adiante seria considerada a maior pandemia já vivenciada na história do nosso país, com mais de 100 mil mortos em um período de aproximadamente seis meses.

Diante desse cenário tétrico e degradante, fomos expostos à morte de parentes e amigos próximos, e desse modo, alguns gatilhos emocionais foram disparados em diapasão dentro de mim, e é sobre essa experiência que eu pretendo comparartilhar aqui.

O cenário de crise pandêmica trouxe uma dura verdade, difícil de ser aceita, a saber: a vulnerabilidade da vida humana, a certeza de que há uma linha tênue entre a vida e a morte e que, um dia, o pêndulo da vida se inclinará para o outro lado.

Isso gerou em mim uma inconformidade seguida de uma impotência. Não se pode lutar contra essa certeza, apenas aceita-la e extrair de tal realidade motivos para viver uma vida carregada de significados, com o máximo de potência. Ter a certeza de que vamos morrer foi a afetação mais verdadeira e dolorosa que a pandemia despertou em mim.

Diante disso, eu busquei respeitar a quarentena religiosamente, o que em um primeiro momento me trouxe uma sensação de que assim eu estaria seguro do inimigo invisível que estava lá fora, matando crédulos e incrédulos do COVID-19.

Mas passar meses a fio confinado em casa, embora ainda seja a medida mais segura para se proteger do vírus letal, descortinou inseguranças e sensações de medo, de pavor, de inconformidade frente aquela realidade, de vulnerabilidade e medo da morte e a esse ponto, eu não sabia, mas eu já não era mais o mesmo.

Certo dia eu acordei com o coração palpitando, era um sentimento novo me visitando, que precisei de um tempo para formular em palavras, a saber, a pergunta que qualquer ser humano, que seja mortal, já deve ter se feito: o que vem depois?

A grande maioria das religiões existentes propaga uma espécie de eternidade após a morte, sem dar muitos detalhes a respeito do que seja. No entanto, tal dimensão de um infinito, de uma constante irreparável, começou a me causar assombro em doses cavalares de ansiedade e desconforto existencial. Sem perceber, o vírus pandêmico, mesmo não tendo me infectado até o momento de finalização

dessa escrita, desenvolveu em mim outro vírus: o dissabor e a incapacidade de gozar dos momentos potentes da vida sem pensar no seu fim.

Essa inconformidade diante do luto que compõe a vida, que a esse ponto já deveria estar sendo trabalhada com algum especialista em emoções humanas, foi sendo cristalizada em mim ao passo em que eu tentava dar conta das inúmeras demandas da vida de professor. Nesse sentido, em meio à pandemia, assim como qualquer outro representante da categoria, venho sendo desafiado a me reinventar com aulas dinâmicas, didáticas e interativas sob um novo formato, aquilo que convencionalmente vem sendo chamado de aulas remotas.

“Grava o vídeo da aula!”, “Produz a apostila para os alunos!”, “Entrega tudo até sexta às 14 horas!”. São alguns dos desafios que se apresentaram para mim ao longo das aulas remotas.

“Não ficou bom. Refaz essa parte. Reajusta aquela outra”. E tantas outras demandas do ensino remoto me desafiaram ao longo de toda a quarentena, fazendo das minhas manhãs e tardes uma grande sinfonia de vários tons, a empolgação de estar produzindo um material didático autoral para os alunos era no final do dia substituída por um cansaço e um sentimento de esgotamento, uma sensação de que no ensino remoto, o trabalho havia aumento.

A ideia inicial era não se deixar abalar, dar conta de todas as frentes de trabalho das duas matrículas com o máximo de qualidade e dedicação. No entanto, ao longo da quarentena, eu fui descobrindo que não existe neutralidade na vida em nenhum sentido que seja possível. Desse modo, eu fui percebendo como as afetações externas atravessam a nossa vida, reorganizando as coisas dentro da gente.

Isso justifica, por exemplo, uma sensação de perda da qualidade em elaborar as aulas, com uma ausência de sentido no próprio trabalho desenvolvido. Um sentimento, de que aquilo não estava colaborando em nada para os alunos. Valendo-me da famosa expressão, fazendo “apenas para inglês ver”.

Isso me gerou uma autocrítica frente ao meu trabalho remoto realizado, seguido de uma perda de energia. A esse ponto, o desejo de voltar às aulas presenciais havia alcançado seu pico. As aulas remotas vinham toda semana com novas tarefas e novos desafios e como eu já havia percebido que o meu ânimo não era mais o mesmo, em certo momento cheguei a acreditar que eu não era bom profissional quanto eu desejava ser. Já era o esgotamento falando por mim.

O esgotamento, por sua vez, não apenas de ter que me reinventar semanalmente, sendo cada vez mais didático, criativo, flexível e paramentado com as tecnologias necessárias para desenvolver aulas interativas e interessantes para os alunos. Hoje, percebo que o esgotamento maior advinha do medo de não existir mais. De uma (futura?) morte me trazer a ausência de mim (como sou hoje) e de tudo o que eu considero potência na vida.

A este ponto eu resolvi procurar ajuda nos serviços de escuta e acolhimento psicológico e/ou emocional, oferecido por iniciativas institucionais e/ou pequenos grupos de psicólogos/as. O que pra mim foi muito potente e vitalizador.

Hoje, ao finalizar esse breve relato de experiência, eu reconheço que não sairei dessa pandemia da mesma forma que entrei. Certamente sairei mais sensível e mais reflexivo. Quanto aos trabalhos remotos, eles continuam: apostilas, vídeo aulas, reuniões *online* com a equipe escolar etc. E, certamente, quando a pandemia passar, a única certeza que fica é que teremos que dar conta de diluir e procurar resolver todo o espólio que ela nos deixou.